

O VELHO ARMAZÉM

Luiz Otávio Dobal

(Para Marta e Humberto)

A emoção que sinto é a mesma de assistir um filme. Não um filme qualquer, mas aquele filme preferido que não nos cansamos de rever. Aquele filme que já assistimos milhões de vezes e, no entanto, cada vez é mais prazeroso; cada vez percebemos nele, novos detalhes e sensações. O enredo é simples: trata-se de um passeio até um armazém localizado na esquina da rua Joaquim Murtinho no Largo da Lapa. É claro que o armazém não mais existe - acredito até que armazéns não existam mais em qualquer outro lugar -, mas isto não tem importância. O cenário é o interior de um armazém com suas mercadorias expostas: peças de carne-seca penduradas; sacos enormes contendo arroz, feijão e batatas; latas em prateleiras; enfim, um armazém dos meus tempos de criança. Penso em muitas coisas espalhadas pelo estabelecimento, lembro bem delas e tento descrevê-las, mas me parece difícil explicar algo que já não existe. Teria importância? Acho que não. Até porque o melhor de um filme é a sensação que ele provoca, o cenário também não é tão importante. Da sensação me lembro perfeitamente e, embora saiba que sensações são difíceis de explicar, vou tentar. A sensação que aqueles momentos provocavam, e hoje me lembro como um delicioso filme, era a de ser guiado pelas ruas em direção ao velho armazém, sentia – e creio que sinto até hoje, bastando me concentrar – a mão de meu avô apertando a minha. Sentia o seu carinho para comigo, sentia o seu orgulho por me conduzir. A sensação, sem dúvida nenhuma, era de felicidade.

Acho que quando o meu avô partiu os armazéns se foram também. Sinto falta de armazéns, mas nada me deixou um vazio tão grande quanto à ausência do meu avô. Sinto falta da segurança daquela mão me conduzindo pelas ruas, sinto falta do seu sorriso, do seu cumprimento ao dono do armazém e, principalmente, de cada um dos nossos passeios. Mas tenho o filme de minha infância gravado na mente, tenho belas recordações e, de certa forma, tenho a sensação de que a felicidade pode estar num simples caminhar até um velho armazém no Largo da Lapa.

"Deus nos olhe e nos guarde enquanto estivermos separados uns dos outros, e se algum dia nos juntarmos, que Ele esteja em nosso meio." (*Malva Barros*)
